

AS MULHERES E O SEU PROTAGONISMO NA HISTÓRIA

ARIANE REGINA BUENO DA CUNHA¹; GABRIELLE NOGUEIRA OLIVEIRA²;
LORENA ALMEIDA GILL³

¹Universidade Federal de Pelotas – ariane_buenocunha@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabrielle.noliveira@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Michelle Perrot (1992), ao afirmar que “da História, muitas vezes a mulher é excluída”, promove a reflexão de que, durante muito tempo, o gênero feminino foi deixado em segundo plano pela historiografia oficial, resultando em uma História contada sob a ótica androcêntrica, isto é, feita por homens e para homens (PEREIRA; CARMO, 2015).

Nesse cenário, a mulher vai aparecer como sujeito histórico estereotipado e/ou marginalizado. Esse discurso deu margem para que, ao longo do tempo, se enraizasse na sociedade a dominação e a supremacia masculina, contribuindo para que a mulher fosse vista como submissa e inábil de acessar a esfera social e política. Segundo as mesmas autoras, as ciências naturais e humanas, por vezes, concentravam suas atenções no espaço público, de modo que a esfera privada era considerada irrelevante para explicar fatos históricos. Dessa forma, mesmo que a mulher estivesse presente na história, tornava-se invisível.

Mesmo quando a História se tornou uma disciplina, no século XIX, a narrativa estava relacionada à esfera pública, enaltecendo as ações políticas de homens. Portanto, análises mais apuradas sobre as mulheres não eram viáveis, haja vista as suas limitações nesses espaços, conforme já referido (PEREIRA; CARMO, 2015).

Somente a partir dos anos de 1960 e 1970, na Europa e Estados Unidos, as mulheres passarão à condição de objeto e sujeito da História, adquirindo um campo específico de pesquisa, ligado à política feminista articulada, às transformações na historiografia (SCOTT, 1992).

Além disso, segundo Duby e Perrot (1995) a proximidade da História com a Antropologia despertou interesse pelas pesquisas sobre as relações familiares, focando no estudo da vida individual e privada, espaço de atuação feminina. Tal situação teria contribuído para tirar as mulheres da sombra. Dessa forma, aos poucos, o gênero feminino foi sendo retirado da reclusão representada pela exclusão, pelo esquecimento e pelo privado.

Porém, embora tenha ocorrido essa renovação nas discussões e na escrita da história, por vezes, as mulheres ainda são subestimadas pela sociedade e colocadas sobre um papel de coadjuvantismo, caindo, muitas vezes, no esquecimento. À vista disso, no Núcleo de Documentação Histórica - Professora Beatriz Loner, da UFPel, desenvolveu-se, a partir do meio digital, um projeto que visa aproximar a comunidade ao debate sobre mulheres, que tiveram um papel de protagonistas, lutando para conquistar espaço e equiparação de direitos.

Para isso, desde o dia 8 de março deste ano, 2021, têm sido publicados, uma vez por semana, na rede social *Instagram*¹ do NDH, *cards* que trazem um breve resumo sobre vida dessas mulheres precursoras, juntamente com a indicação de materiais bibliográficos para um maior detalhamento de informações sobre suas

¹ @ndh.ufpel

histórias. A intenção do projeto é fazer com que, especialmente pessoas da comunidade da UFPel, queiram conhecer um pouco mais sobre essas trajetórias.

Até o momento, foram postados conteúdos sobre 19 mulheres, brasileiras e estrangeiras, cujas atuações se destacam na esfera da saúde, política, educacional/social e científica. Nesse sentido, o presente trabalho versará, com maior ênfase, sobre a história de quatro mulheres brasileiras, que se destacaram nos campos acima citados, a saber: Sônia Guajajara, Patrícia Galvão, Antonieta de Barros e Ester Cerdeira Sabino.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste na procura e no resumo de bibliografias sobre as mulheres selecionadas para o projeto. Inicialmente é feita a pesquisa *online* sobre cada mulher, em periódicos, museus virtuais, *e-books* e outros tipos de fontes confiáveis disponíveis na internet. Posteriormente, é escrito um resumo, a partir dessas fontes, por meio de citações indiretas, ajustado em um *card* específico para a publicação no *Instagram*, junto a uma fotografia ou ilustração disponível. Os resumos versam sobre aspectos pessoais, bem como a construção de protagonismos dessas mulheres, visando a realização de uma síntese para melhor entendimento na leitura dentro do aplicativo. Todas as fontes utilizadas como referências são disponibilizadas para o público em um documento PDF *online*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram publicados conteúdos sobre 19 mulheres, do Brasil e de outros países como Ucrânia, Estados Unidos, Gâmbia, Inglaterra, França, Áustria e Paquistão, dentre elas: Bertha Lutz, Carrie Chapman Catt, Almerinda de Farias Gama, Carlota Queirós, Josefina Álvares de Azevedo, Maria Firmina dos Reis, Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Nísia Floresta, Clarice Lispector, Malala Yousafzai, Cecília Meireles, Abigail Adams, Phillis Wheatley, Hedy Lamarr, Sônia Guajajara, Patrícia Galvão, Antonieta de Barros, e Ester Cerdeira Sabino, dentre as quais, as últimas quatro serão abordadas no presente trabalho. Elas são brasileiras e tiveram atuações na esfera da saúde, política, educacional/social e científica.

Sônia Bone de Souza Silva Santos, nome civil de Sônia Bone Guajajara, se destaca no campo da saúde. Ela é uma líder indígena brasileira, pertencente ao povo Guajajara/Tentehar, do Maranhão e habitante das terras indígenas Araribóia. Quando tinha 15 anos, com a ajuda da FUNAI, deixou suas origens para cursar o ensino médio em Minas Gerais. Formou-se em Letras, cursou Enfermagem e tornou-se especialista em Educação Especial, pela Universidade Estadual do Maranhão (JORNAL CONECTANDO SABERES, 2021, p. 2).

Segundo o mesmo jornal, ao retornar à sua terra, fez parte de um projeto de monitoria em saúde, dando aulas sobre os prejuízos causados pelo álcool; medidas preventivas em saúde, doenças sexualmente transmissíveis e outros assuntos. Atuou como professora municipal, em escolas públicas e, também, particulares e fez estágio de medicina alternativa no Instituto Paulista Promoção Humana (IPPH). Sua militância pela causa indígena e ambiental teve início na juventude em movimentos de base, e logo chegou ao congresso, lugar em que foi contrária a uma série de projetos que retiravam direitos e ameaçavam o meio ambiente. Sônia tem tido suas lutas reconhecidas internacionalmente, tendo recebido prêmios e honrarias em seu nome.

Na esfera política notabiliza-se Patrícia Rehder Galvão. Nascida em 9 de junho de 1910, em São João da Boa Vista, ela foi escritora, desenhista, jornalista e militante

brasileira. Segundo Pontes (2006), Pagu recebeu esse apelido aos 18 anos de idade, pelo poeta Raul Bopp, por cometer um erro ao dedicar o poema "Coco de Pagu" a ela, acreditando que seu nome fosse Patrícia Goulart e querendo fazer uma brincadeira com as primeiras sílabas do nome. Pagu foi uma mulher precursora. Por ser militante comunista, acabou sendo presa diversas vezes ao longo de sua vida, a primeira delas ao participar da organização de uma greve em Santos em 1931.

Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1932, e publicou "Parque industrial" no ano seguinte, considerado o primeiro romance proletário brasileiro. De acordo com Holanda (2014), Pagu viajou pelo mundo em 1934 sem o filho e o marido, morando em Paris durante um breve período, onde estudou na *Université Populaire* e foi presa como militante comunista estrangeira. Retornando ao Brasil, Pagu teve sua identidade falsa descoberta e foi presa e torturada na ditadura do Estado Novo, por tecer críticas ao regime ditatorial. Ao sair da prisão, se alinhou ao socialismo, ligando-se ao periódico Vanguarda Socialista com seu recente marido, Geraldo Ferraz, em 1945. Pagu morreu em 12 de dezembro de 1962, em Santos, aos 52 anos, acometida pelo agravamento de um câncer de pulmão.

No campo educacional/social, insere-se Antonieta de Barros. Nascida em 1901, em Florianópolis, foi professora, jornalista e deputada estadual. Defensora da emancipação feminina, por meio de suas crônicas apontava sua preocupação com a educação feminina e a formação profissional. Segundo Nunes (2001), Antonieta foi membro do Centro Catharinense de Letras e, por meio de seu ofício como professora e suas crônicas publicadas na imprensa Catarinense, atingiu a esfera política.

De acordo com a mesma autora, Antonieta, ou Maria da Ilha (como assinava suas crônicas) foi a primeira mulher negra eleita no Brasil, em 1934, como deputada estadual, auxiliando na feitura da Constituição do Estado em 1935. Faleceu de forma precoce em 1952, quando já estava desligada do cargo político, e mantinha o ofício como diretora de uma escola que foi fundadora. Antonieta lutava, principalmente, pela emancipação feminina e pela educação para todos e todas.

Por fim, no campo científico, destaca-se Ester Cerdeira Sabino. Nascida em São Paulo, em 1960, completou a graduação em Medicina na Universidade de São Paulo em 1984, aos 24 anos de idade. Concluiu sua especialização, atuando como residente em Pediatria, em 1986 e, em 1994, terminou seu Doutorado em Imunologia, na mesma instituição. Atualmente é professora na Faculdade de Medicina da USP².

No início da década de 1990, quando trabalhava no Instituto Adolfo Lutz (IAL) e na Fundação Pró-Sangue, Ester Sabino participou do sequenciamento das variedades de HIV encontradas no Brasil. Nos anos seguintes, ela articulou grupos de pesquisa em transfusão de sangue e doenças tropicais para seguir 2 mil pessoas com doença de Chagas e outras 3 mil com anemia falciforme, que ela estuda desde 2006 (FIORAVANTI, 2020). Ester, com 34 anos de carreira, ganhou reconhecimento à nível mundial pelo seu trabalho excepcional no êxito de sequenciar o genoma do novo coronavírus, em apenas 48 horas. O trabalho foi feito no Instituto Adolfo Lutz, logo no início da pandemia, quando os primeiros casos foram confirmados no Brasil.

4. CONCLUSÕES

Considerando que, durante um longo tempo, as mulheres foram deixadas em segundo plano na historiografia oficial, sendo-lhes negado a autonomia e subjetividade da palavra e escrita, as mulheres acima citadas são algumas das quais

² Informações retiradas no currículo *lattes*, <http://lattes.cnpq.br/8590492866942091>, no dia 13 jul. 2021.

quebraram os padrões e papéis atribuídos a elas e lutaram incessantemente para conquistarem espaço e equiparação dos seus direitos.

Na verdade, suas histórias servem apenas de inspiração, pois sabe-se que a grande maior parte das mulheres luta incessante e rotineiramente, desde o momento em que são concebidas e colocadas em um mundo ainda, predominantemente, masculino.

Mas o fato é que as mulheres, apesar de muitas conquistas, por vezes, ainda continuam sendo marginalizadas e menosprezadas, o que torna essencial a continuidade do debate e disseminação das suas histórias de vida. Portanto, a relevância da continuação desse projeto se mostra na contribuição para que essas histórias não caiam mais no esquecimento e tampouco sejam negligenciadas e na possibilidade de inspirar mais mulheres na luta transformadora e, conseqüentemente, emancipatória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. (orgs.) Escrever a História das Mulheres. In: THÉBAUD, **Françoise. História das Mulheres no Ocidente.** O século XX. Porto, Edições Afrontamento, 1995.

FIORAVANTI, Carlos. Ester Cerdeira Sabino: Na cola do coronavírus. **Revista Pesquisa**, São Paulo, v. 290, n. 1, p. 24-25, abr. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ester-cerdeira-sabino-na-cola-do-coronavirus/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

HOLANDA, Sarah. **Um caminho à liberdade:** O legado de Pagu. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 143. 2014.

JORNAL CONECTANDO SABERES DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA - UFPEL. **Nossas Mulheres.** Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/petdiversidade/files/2021/03/Jornal-Conectando-Saberes-25-EDICAO-Nossas-Mulheres.pdf?fbclid=IwAR1TX80Qws3RKXPnqjb-9whRK-WCwOgoBwCDRgSKJLIOSQ_J8hEv_ALUb-o. Acesso em: 13 jul. 2021.

NUNES, Karla Leonora Dahse. **Antonieta de Barros: Uma História.** Dissertação (Programa de Pós Graduação em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2001.

PEREIRA, Maria Cecília Souza; CARMO, Lyvia Tavares Felix do. A construção de uma história das mulheres: uma abordagem transdisciplinar. In: educere - **XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2015, Paraná. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21938_10874.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PONTES, Heloísa. Resenha de Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 431-441, jan/jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/b8DQ4YF53vSHDBfttzGLccQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres.** In: BURKE, Peter (org.) A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.